

**UMA BREVE ANÁLISE SOBRE A MODERNIDADE: COMO OS
SIGNOS DO MODERNO SE APRESENTARAM NO SERTÃO
PARAIBANO NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

José Antônio da Silva Neto
(UFCG-CFP)
joseneto2001@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos
(UFCG-CFP)
vgceballos@gmail.com

RESUMO

A chegada da modernidade na cidade paraibana de Cajazeiras, a partir das primeiras décadas do século XX, é marcada pela adoção de elementos que atestam o progresso material por qual passa a região. Este progresso se expressa na criação de jornais locais, na difusão do rádio, na chegada da linha férrea, da iluminação pública, de reformas urbanas, saneamento básico e cinemas, por exemplo. Estas transformações estavam diretamente relacionadas ao progresso econômico e material alcançado por meio do comércio e cultivo do algodão. Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma discussão bibliográfica em torno do significado de modernidade, quais mudanças ela acarreta, e como esta chega às cidades do interior paraibano. Para esta discussão, trabalharemos o conceito de modernidade a partir de autores como Marshall Berman, Walter Benjamin, Michel de Certeau e de autores que tratam de como esta modernidade chega até as cidades paraibanas, como o Prof. Dr. Osmar Luís da Silva Filho e a Profa. Ms. Eliana de Souza Rolim.

Palavras-chave: Modernidade; Cidade; Paraíba.

A modernidade se apresenta cotidianamente em nossas vidas, sendo percebida por meio de signos e símbolos que a caracterizam. Este fenômeno pode ser visto através do olhar de alguém à espera de uma locomotiva na estação, ansiando por um conhecido que vem de longe, de alguma mercadoria encomendada ou somente para ter contato com a maravilha do mundo moderno que é o trem. O modo mecânico como aquele meio de transporte se movia, o barulho de suas engrenagens e do apito, a fumaça que manchava o ar de preto, as novidades e curiosidades que o trem transportava, todos estes fatores causavam espanto e fascínio nos moradores das cidades grandes ou pequenas, desacostumados com tecnologias desse tipo.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

Não apenas o trem era considerado um signo de modernidade, mas a luz elétrica que passa a substituir a iluminação a gás; Jornais e revistas são impressos, tornando-se fortes influenciadores da moda, comportamento e pensamento; as reformas urbanas empreendidas com o objetivo de tornar a cidade um ambiente dotado de aspecto mais belo, mais elegante, com ruas largas e a adoção de novos estilos para a arquitetura dos prédios e casas; e melhorias sanitárias, como o tratamento de esgoto e limpeza das ruas.

A Paraíba, estado cuja economia estava voltada para a agricultura e pecuária, passa por um processo de modernização durante as primeiras décadas do século XX, onde as reformas mencionadas acima se mostram presentes no cotidiano das pessoas. Mas a modernidade não trouxe benefícios para todos, e mesmo as elites contempladas com o progresso, como o caso dos grandes latifundiários do algodão e comerciantes, não recepcionaram as inovações com aprovação unânime, pois a modernidade é um processo que possui o poder de modificar profundamente a vida, as crenças e os valores de quem a vivencia. A modernidade provoca um sentimento confuso entre a euforia e o desencanto, desde as maiores metrópoles mundiais, até as cidades pequenas das zonas periféricas do mundo.

Para melhor entender essa ambiguidade de sentimentos e confusão causada pela modernidade, primeiramente vamos caminhar ao lado do estadunidense Marshal Berman (1982). Para o autor, ser moderno é viver constantemente em paradoxo e contradição. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador, desejando a transformação do mundo a sua volta e temendo as mudanças que esta transformação pode acarretar. Fazendo referência à famosa frase escrita por Karl Marx, presente no livro *Manifesto do partido comunista*, o autor afirma que “todos conhecem a vertigem e o terror de um mundo no qual ‘tudo que é sólido desmancha no ar’.” (BERMAN, 1982, p.13). Segundo este raciocínio, há sempre a luta por criar e conservar algo que dure em meio a uma sociedade que estava cada vez se mostrando mais flexível, mais volúvel, onde tudo se desfaz e nada promete durar para sempre. Portanto, o homem moderno, sempre contraditório, está permanentemente aberto as possibilidades, mas teme o quanto as mudanças que acometem sua vida o podem aterrorizar. Citando outro paradoxo da vida moderna, para ser verdadeiramente moderno é também preciso ser antimoderno, ou seja, rejeitar algumas das características desse mundo (BERMAN, 1982, p.14).

A modernidade é descrita pelo autor como um conjunto de experiências de tempo e espaço, compartilhada por homens e mulheres de todas as partes de mundo. Ser moderno seria, portanto, “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor- mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos e tudo o que somos” (BERMAN, 1982, p.15). Dessa forma, entendemos como a modernidade se mostrou, muitas vezes como uma verdadeira ameaça aos valores, crenças e modos de ser e viver das pessoas, ao mesmo tempo que lhes promete uma realidade melhor e novas possibilidades de mundo.

Em seu livro, Berman (1982), decide por dividir a história da modernidade em três fases. A primeira tem início no século XVI e se estende até o século XVIII, onde as pessoas ainda não possuíam noção do processo que as acometia, nem conheciam o que era viver e compartilhar em comunidade o que seriam “sentimentos modernos”. A segunda etapa começou com a Revolução Francesa, onde havia um público que passou a compartilhar fortes sentimentos e ideias de mudanças e transformações coletivas. Durante o século XIX, ainda pertencente à segunda fase, as pessoas se encontravam em um mundo que não era moderno por inteiro, provocando intensas dicotomias e sentimentos de modernismos e modernizações. Na terceira fase, iniciada no século XX, junto com a própria modernidade, os movimentos artísticos tidos como modernistas se espalham pelo mundo e atingindo um público notável, mesmo que de forma desigual. No entanto, a modernidade no século XX teria perdido a capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas (BERMAN, 1982, p.17).

Uma explicação apontada pelo autor para a diferença entre os modernismos dos séculos XIX e XX seria que, no primeiro havia ao mesmo tempo entusiasmo e repúdio em relação à modernidade e seus dilemas, havia a possibilidade apontada por intelectuais como Karl Marx e Nietzsche, de mudar a realidade e lutar por algo; enquanto que no segundo, apesar do grande alcance de sua cultura, o modernismo aqui se encontra dedicado aos extremos de aceitar entusiasticamente a modernidade ou negá-la completamente. O meio termo, as contradições presentes no século anterior são reduzidas, assim como a profundidade que a modernidade alcança no século XX. Significando dizer que as visões em torno da modernidade se tornaram fechadas, sendo ela a liberdade para alguns e para outros, a escravidão. Portanto, o argumento básico do livro segundo seu autor (BERMAN, 1982, P. 34), é que o modernismo do passado pode

auxiliar as gerações atuais a tomarem contato com suas raízes modernas, e que dessa forma, os modernos do século XXI, sejam capazes de acreditarem na luta por um ideal comum pelo qual vale à pena lutar, sem estagnarem no limbo do aplauso ou da negação absoluta que se legou à modernidade do século XX.

Remetendo novamente ao século XIX, nos deparamos com artistas que deixaram transparecer em suas obras a angústia que lhes atormentava em meio ao turbilhão de mudanças trazidas pela modernidade. Entre eles, se encontra o poeta francês Charles Baudelaire, que através de seus versos permite ao leitor contemporâneo uma visão profunda de como este processo se apresentou na capital francesa durante o século XIX, o mesmo século ao qual Walter Benjamin atribui Paris como sendo a capital. É com o auxílio de Marta D'Angelo (2006) que propomos uma interpretação da modernidade vista sob o olhar de Benjamin, e de como este pensador compreende o mundo moderno a partir da poesia de Baudelaire.

No artigo *A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin* (2006), a autora afirma que Benjamin adota *As flores do mal* como referência básica na compreensão da modernidade, não como apoio para a escrita de uma História das mentalidades, mas sim por meio da visão ligada ao marxismo de “reescrever a história na perspectiva dos vencidos” (D'ANGELO, 2006, p. 234). Baudelaire, dessa forma, diante de todo um processo de mercantilização do próprio fazer artístico, é um personagem que resiste ao novo jogo social que se apoderava das multidões, e reivindica para o poeta a sua dignidade em meio a uma sociedade que já não oferecia dignidade a ninguém (D'ANGELO, 2006).

O século XIX presenciou o surgimento dos famosos romances de folhetins, os autores que os escreviam, cada vez mais correspondiam às exigências do mercado editorial e aos gostos do público, produzindo, assim, uma literatura de mercado, que forçava o poeta ou romancista a perder sua autoria diante das próprias obras. Baudelaire, diante desta realidade, considerava o poeta não mais que uma prostituta, pois ele se vendia tal qual ao mercado (D'ANGELO, 2006, p. 239).

O *flâneur*, outro personagem típico da modernidade que marca presença na poesia de Baudelaire, representa muito o próprio estilo do poeta, que tenta captar na multidão os sentimentos mais íntimos daquelas pessoas que passam apressadas. Dessa forma, podemos apontar o *flâneur* como um caminhante urbano que ao tecer seus passos em meio às ruas da cidade, procura sentir a multidão e quais os sentimentos e

sensações que emanam desta, mas não se misturando com ela. É um observador, que se lança como mais um na multidão, mas sem deixar de individualizar-se. Esta figura tão mencionada por Baudelaire e Benjamin, resiste a todo momento ao jogo social do capitalismo, pois ele foge do horário de trabalho rigidamente controlado pelo relógio e se dedica a contemplar, absorver, o ritmo da cidade (D'ANGELO, 2006, p. 246).

O diferencial de Baudelaire, que o faz se tornar um autor referência para a compreensão de Walter Benjamin sobre a modernidade, é o fato de sua poesia não se limita a descrever o ambiente familiar e de conflitos sentimentais da esfera privada burguesa, como a literatura de folhetim o fazia, mas sua obra descreve o sentimento da multidão, do cotidiano urbano e, portanto, consiste em um forte testemunho sobre o moderno (D'ANGELO, 2006, p. 243).

Sobre o fenômeno das multidões, Michel de Certeau (1980) afirma, em *A invenção do cotidiano*, que esta é composta pelos “praticantes ordinários da cidade”, ou seja, os pedestres, os caminhantes que descrevem um texto urbano que não podem ler (CERTEAU, 1980, p. 171). Para deixar mais clara esta ideia, o autor compara o ato de caminhar ao de falar, pois quem caminha, produz com seus passos um traçado semelhante ao de quem enuncia verbalmente uma sentença. Para Certeau (1980, p. 177),

o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem como efeito uma triplíce função “enunciativa”: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, “contratos” pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é “alocução”, “coloca o outro em face” do locutor e põe em jogo contratos entre locutores). O ato de caminhar parece portanto encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação (CERTEAU, 1980, p. 177).

Ainda segundo Certeau (1980), se existe uma ordem de organização espacial no ambiente urbano, sempre é possível burlar essa ordem desobedecendo as barreiras e limitações impostas e também criar novos caminhos e possibilidades dentro do tecido urbano. Desse modo, quem caminha escreve um texto único e variado, compondo uma “retórica da caminhada” (CERTEAU, 1980, p. 178).

Para fechar a discussão em torno da modernidade de maneira geral, refletimos sobre o que Benjamin descreve como a “perca da experiência”. Com o desenvolvimento da mídia, multiplica-se a quantidade de informações disponíveis todos os dias. A

informação, tão rápida, não é capaz de descrever detalhadamente uma experiência, ou seja, é diferente da narração. Somando-se ao bombardeio de informações, a mecanização e divisão do trabalho colaboram para a automação do próprio corpo e de seu gestual, pois assim o trabalhador se dá melhor com as máquinas usadas para seu trabalho. Portanto, as multidões que percorrem as ruas da capital do século XIX, como as de tantas outras metrópoles do mundo moderno, são compostas por transeuntes quase autômatos, possuidores de uma sensibilidade diferente da do *flâneur*, que não permite a contemplação do espaço, mas uma sensibilidade que isola, que faz perder a memória, mas que protege das privações e impactos da vida moderna.

A partir deste momento, nossa revisão se dedicará especificamente às obras acadêmicas que discutiram a presença da modernidade na Paraíba, buscando quando possível, relacioná-las com as obras previamente mencionadas.

Durante as primeiras décadas do século XX, começa a haver no estado da Paraíba um conjunto de melhoramentos e modernizações. Os anseios de progresso presentes em parte da população se viam materializados na realização de serviços públicos como a construção de uma linha de bonde, luz elétrica, esgotos e água encanada. Também houve a preocupação referente aos espaços para lazer e divertimento da população, como pistas de patinação e embelezamento de praças públicas. Além das reformas a nível material, havia a preocupação em manter sob controle as doenças que acometiam a população, como sífilis e ancilostomíase, cabendo, portanto, que as autoridades públicas tomassem providências para controlar as moléstias. No início da década de 1920, com o paraibano Epietássio Pessoa na presidência da república, havia uma espécie de clima promissor para os paraibanos. No âmbito econômico o cultivo do algodão prosperava cada vez mais, gerando riqueza e prosperidade para a região (SILVA FILHO, 1999, p. 219-221).

Segundo o historiador Osmar Luís da Silva Filho (1999), a Cidade da Parahyba projetava em seus habitantes uma profusão de sentidos, ou seja, as pessoas tinham acesso a meios culturais que permitiam vivenciar a cidade de um outro modo, mais moderno. Os cinemas exibiam filmes nacionais e estrangeiros, eram realizados concertos musicais no Teatro Santa Roza, a prática do futebol e da educação física eram valorizadas, entre outros aspectos da vida moderna que começavam a fazer parte do cotidiano da população da capital paraibana. Integrando o conjunto dessas novidades

citadas, aparece em 27 de março de 1921 uma revista quinzenal chamada *Era Nova* (SILVA FILHO, 1999, p. 221).

Nas páginas da revista, que tratava de temas tidos como modernos, a cidade era debatida e seus principais personagens se mostravam presentes, como esportistas, políticos, religiosos e outras pessoas consideradas importantes para aquela sociedade. A *Era Nova* também propunha realizar uma “educação sentimental” da população, incutindo-lhes novas modas, gostos e debates sobre temas considerados de interesse comum. Inclusive, desde o primeiro número da revista que esta promete gerar polêmicas e debates. Naquela edição foi publicado um artigo denominado *A Nossa Urbs e o Modernismo*, cuja principal questão era a necessidade defendida ardentemente pelo autor de preservar a memória da cidade, que estava seriamente ameaçada pelo avanço do progresso material e da modernização, processos que no início da década de 1920, já transformavam a capital paraibana e ameaçavam os valores e símbolos do passado. O autor acreditava que a cidade perdia a beleza estética quando os antigos prédios coloniais eram tombados para dar lugar a novos prédios modernos (SILVA FILHO, 1999, p. 231). Podemos concluir que, na opinião do autor do artigo, o que se operava em sua querida Cidade da Parahyba era uma verdadeira afronta da modernidade à sagrada tradição. Tal desrespeito, afetava o sentido de pertencimento de parte da população que desejava conservar seus símbolos de legitimidade intactos.

O apego à tradição demonstrado no texto publicado na *Era Nova*, pode ser explicado pela conjuntura social, política e econômica do início do século XX. A economia da Paraíba, durante aquela época, estava centrada na agricultura e na pecuária, sendo o algodão a principal fonte de riquezas para a região. As elites da terra, ascendendo economicamente graças ao cultivo da planta, detinham também o poder político, ocupando os cargos administrativos do Estado e garantiam para si grande prestígio social. Portanto, culturalmente, os valores ligados à elite agrária paraibana eram considerados “tradicionais”, entre eles a hereditariedade dos bens e das bases de poder, o domínio sobre a propriedade rural, o valor do líder patriarca, entre outros que legitimavam o poder dos grandes produtores ruralistas sobre a sociedade (SILVA FILHO, 1999, p. 238-240).

Neste ponto, podemos dialogar novamente com as ideias defendidas por Marshall Berman (1982). Tal como o autor descreveu, a modernidade traz junto consigo sentimentos ambíguos de novidade, aventura e mudança, mas também ameaça destruir

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

tudo o que somos e todos os valores que nos norteiam. Portanto, conseguimos perceber esses dilemas em ação na Paraíba do início do século XX. Aqui, a tradição que legitimava a ação e o poder dos grandes proprietários, entrava em contraste com o desejo de modernização de outros grupos, por exemplo, a classe comerciante e industrial. Mas no entanto, esses grupos ainda não contavam com poder para enfrentar a elite agrária, e as principais reformas empreendidas na cidade, assim como medidas para auxiliar as atividades agrárias e pastoris eram iniciativa do poder público. A tensão criada em torno desse “confronto” foi aliviada graças a um empreendimento político comum, a República (SILVA FILHO, 1999, p. 241). Na verdade,

um dos fatores que veio reunir os interesses dos vários setores foi a invenção da República como tradição, dotada de um projeto único para Venancistas, representantes da oligarquia Machado-Leal, Meiristas, e Epitacistas. A criação do PRP (Partido Republicano Paraibano) nos moldes do Partido Republicano Paulista e a contraposição dos Autonomistas, no mesmo ano, em 1992, deixava claro a necessidade de preferências políticas comuns (SILVA FILHO, 1999, p. 241).

Desse modo, as famílias tradicionais se rendem à modernização republicana, sem contudo, perderem seus privilégios e autoridade, pois seus signos de tradição não desaparecem com a República, mas são incorporados ao novo sistema (SILVA FILHO, 1999, p. 242).

Prosseguimos agora rumo ao interior do estado paraibano, onde cidades como Princesa e Cajazeiras receberam no início do século XX os primeiros signos de modernidade, como o trem, luz elétrica, jornais, telégrafo, cinemas e outros elementos que atestavam a chegada do progresso e da “civilização” à região. Tais novidades possuíam a capacidade de modificar profundamente o cotidiano das populações urbanas. O trem, por exemplo, permite além de uma maior velocidade ao transporte de mercadorias e pessoas, uma circulação mais intensa de jornais e notícias nas cidades do interior, cujos habitantes acabavam por se informar dos principais acontecimentos vinculados na mídia. Cajazeiras, entre as décadas de 1920 e 1930, contava com periódicos de grande circulação e popularidade, como o *Pátria Jornal*, *Sport*, *Rio do Peixe*, *Estado Novo* e a revista *Flor de Liz*, além de receber números advindos das cidades e capitais vizinhas (ARANHA, 2005 *apud* ROLIM, 2010, p. 59-60).

Em sua dissertação, Rolim (2010) relata depoimentos orais de moradores de Cajazeiras, entre eles o de Dona Marilda Sobreira que narra a experiência vivenciada por ela e por outros moradores da cidade, diante da chegada do trem na estação. O

acontecimento era recebido, segundo o depoimento de Dona Marilda, com ares de curiosidade e empolgação, sendo a estação um ambiente de sociabilidade e diversão para a juventude que se reunia à espera da locomotiva, e junto dela, as novidades do mundo moderno (jornais, películas de cinema, correspondências etc.) (ROLIM, 2010, p. 60).

Neste período o futebol também se apresentava como um importante meio de sociabilidade. Chegado em Princesa por volta de 1918, o esporte acaba atraindo as elites locais, que formaram as primeiras equipes da cidade. A prática chama a atenção do público, que se reuniam aos domingos para assistir às partidas, principalmente a juventude, empolgada com todo tipo de divertimento que o espaço urbano pudesse oferecer. Mas o esporte selecionava seu público, pois havia quem o achasse imoral, por permitir a exibição de homens trajando pouca roupa (MARIANO, 1999 *apud* Rolim, 2010, p. 65-66).

O cinema era outro provocador de polêmicas na sociedade paraibana dos anos 1920. Alguns filmes exibidos provocavam o repúdio dos mais conservadores, e cenas mais ousadas, como um beijo ou uma carícia, eram cortadas por quem operava o projetor. Muitas famílias, inclusive, proibiam expressamente as moças de frequentarem as sessões, tudo em nome da moral e dos bons costumes (MARIANO, 1999 *apud* ROLIM, 2010, p. 66). Outra vez mencionando Berman (1982), os exemplos relatados acima parecem atestar o misto de pavor e fascínio característico da modernidade, a fazer parte da vida dos paraibanos.

Cajazeiras encontrava rápido crescimento devido ao comércio, cultivo do algodão e presença de escolas onde os filhos das elites locais e de cidades vizinhas eram matriculados. Devido ao seu desenvolvimento, a cidade passa a contar com grande movimentação de pessoas, que ansiavam por ter acesso às novas mercadorias e novidades da moda. Algumas ruas da cidade, exemplo da Padre José Tomáz, eram endereço de lojas especializadas em vender de tudo, provocando grande circulação de pessoas (SILVA FILHO, 1999, p. 293-298).

Em contrapartida ao movimento humano presente em determinados espaços da cidade, outros trechos urbanos de Cajazeiras eram mal avaliados e a frequência era pouco estimulada, quando não restrita. A limpeza da cidade ainda não era eficiente e determinadas áreas eram consideradas como perigosas para a saúde da população. Silva Filho (1999) cita o exemplo de um pântano presente nas imediações do Açude Grande

(SILVA FILHO, 1999, p. 305). Além disso, as autoridades e a opinião pública expressa nos artigos jornalísticos reprovavam uma série de comportamentos perpetrados pelos habitantes da cidade, como as bebedeiras e as jogatinas (SILVA FILHO, 1999, p. 306).

Percebemos que havia uma espécie de orientação em torno de como se portar e onde frequentar na cidade, sendo certos espaços abertos ao público e estimulada a frequência e outros vetados. No entanto, a vida urbana não é assim tão simples. Segundo nos referimos ao pensamento de Michel de Certeau, o caminhante urbano pode e burla as regras pré estabelecidas sobre o comportamento em torno da cidade, ele é capaz de criar infinitas possibilidades diante do tecido urbano, improvisando caminhos e atalhos, ocupando os espaços que melhor lhe convém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminado nosso exercício de revisão, abrimos espaço agora para uma breve reflexão sobre o que foi indicado. Podemos relatar que a modernidade consiste em um processo que se desenvolve já de longa data e que vem alterando a vida de incontáveis pessoas no decorrer da História. É uma experiência compartilhada em conjunto, na maioria dos casos acompanhada por sentimentos ambíguos e conflitantes, que ora promete emoção, aventura e felicidade, ora põe em questão valores e crenças nunca antes questionadas.

É uma experiência que se mostrou peculiar em cada espaço onde se fez presente, mas que mantém características em comum em todos os lugares. Foi assim nas grandes capitais européias do século XIX, nas metrópoles atuais, como também no início do século XX no estado paraibano, sertão e litoral. Os habitantes desta região compartilharam anseios de progresso, de renovação, mas também o medo de perder a tradição, o passado, o referencial de quem eram diante do mundo e de seus semelhantes.

A modernidade, portanto, ao fazer seu jogo nessas terras, trouxe outras visões de mundo, mas também aliou-se e foi integrada aos costumes locais, e seus signos passaram, assim como foi com a tradição, a legitimar o poder e as vontades dos senhores da terra.

REFERÊNCIAS

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 347 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** Artes de fazer. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980. 351 p.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Revista Estudos Avançados**, n. 20, 2006. pp. 237-251.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras-PB:** memória, políticas públicas e educação patrimonial. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. 146 f.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na Cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno.** Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. 336 f.